

Um olhar da Psicodinâmica do Trabalho sobre o filme “Que horas ela volta?”

Liliam Deisy Ghizoni¹

Almerinda Maria Skeff Cunha

Diêgo Araujo Silva

Nadja de Oliveira Figueiredo

Philipe Lira de Carvalho

INTRODUÇÃO

A Psicodinâmica do Trabalho foi fomentada desde os anos 1980 na França, por Christophe Dejours. Inicialmente, denominada de Psicopatologia do Trabalho, centrava seus estudos na origem do sofrimento advindos do confronto do sujeito-

¹ A editoria excepcionalmente permitiu cinco autores nesta publicação.

FAROL

REVISTA DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS E SOCIEDADE

NÚCLEO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS E SOCIEDADE | FACE / UFMG | BELO HORIZONTE | V. 3 | N. 7 | AGOSTO | 2016 | ISSN: 2358-6311



trabalhador com a organização do trabalho (MENDES, 2007). Na década seguinte, inaugura-se uma nova fase denominando a abordagem com o nome de Psicodinâmica do Trabalho, focada na análise psicodinâmica dos processos intersubjetivos mobilizados pelas situações de trabalho (DEJOURS, 2011).

Dessa forma, a Psicodinâmica do Trabalho é uma clínica do trabalho por “investigar” o sujeito em situação real, concedendo um espaço privilegiado para a fala do trabalhador sobre o seu sofrimento no trabalho, em uma perspectiva mais ontológica do que patológica (LHUILIER, 2011; DEJOURS, 2011; MENDES, 2007; GHIZONI; MENDES, 2014), e é com este olhar que se tece esta resenha sobre o filme “Que horas ela volta?”.

Produzido no Brasil pela diretora Anna Muylaert, com duração de 114 minutos e lançado no ano de 2015, o filme apresenta-se como um drama. Um filme onde assuntos relacionados ao mundo do trabalho saltam aos olhos do telespectador que também é estudioso da Psicodinâmica do Trabalho. O contexto de trabalho da personagem principal – Val, uma pernambucana interpretada pela atriz Regina Casé – é o eixo desta análise.

Em síntese, o filme retrata a história de Val quando ela deixa sua terra natal e muda-se para São Paulo na tentativa de melhoria de vida. Ela é uma empregada

doméstica que mora e trabalha na casa do casal Bárbara (Karine Teles) e Carlos (Lourenço Mutarelli) – seus patrões, há dez anos. Para isso, deixou a filha na sua cidade natal aos cuidados do Pai, há muitos anos não se vêem e há três não se falam. Na casa onde trabalha cuida de Fabinho (Michel Joelsas), um jovem que tem idade semelhante à sua filha e ambos concorrem a uma vaga numa universidade pública renomada.

Antes de se entender a organização do trabalho no universo da Val enquanto empregada doméstica, faz salutar entender que a profissão de empregadas domésticas foi social e culturalmente construída nos primeiros anos pós-abolição da escravatura. As escravas, antes na condição de criadas ou mucamas, após a “libertação” passaram a condição de empregadas. As relações de poder existentes dentro de uma casa permaneceram tal qual existia na época escravagista, e a organização do trabalho foi se construindo a partir desses resquícios.

Conforme Teixeira, Saraiva e Carrieri (2015) a precariedade a que muitas empregadas se submetem remetem ao período em que o modelo escravocrata estava em voga, onde as relações existentes eximiam o patrão do oferecimento de dinheiro aos serviços prestados, pagando-as apenas com os chamados “benefícios”. Essa precariedade das relações de trabalho coloca o sujeito em situações que devem se “doar” ao emprego em tempo integral, fazer jornadas

exorbitantes, além do não reconhecimento devido pela sociedade e, muito menos, pelos empregadores.

Ainda de acordo os autores, em estudo referente aos lugares ocupados pelas empregadas domésticas, apesar de toda a carga inerente à sua organização do trabalho, aquelas que participaram da pesquisa parecem entender o ambiente de trabalho como uma extensão do lar, sentindo-se parte da família, sem fazer a dissociação entre o que é trabalho e a vida privada. Há certa “simbiose simbólica” entre os espaços preenchidos pelas empregadas domésticas que, em muitas vezes, consideram-se parte da família, em uma dinâmica social que favorece o sentimento de negação em ser empregada doméstica, na medida em que suas relações de afeto com os entes patronais tendem a se tornar mais sólidas (TEIXEIRA; SARAIVA; CARRIERI, 2015).

Dessa forma, percebe-se uma aproximação na relação patrão/empregada, com o estreitamento dos laços e o entendimento desse sujeito em situação precária, de que apesar de todo o ônus que carrega, derivado da organização do trabalho, ainda consegue sentir prazer na medida em que se sente, ou é “inserida”, como “membro da família”.

A metodologia adotada para a escrita desta resenha foi assistir ao filme e na sequência fazer a Análise Clínica do Trabalho baseada em Mendes e Araujo (2012). Assim na Análise da Psicodinâmica do Trabalho selecionou-se os três eixos: Organização do Trabalho prescrito e real do trabalho; Sofrimento & Defesas e Mobilização Subjetiva.

Para Dejours (1992) a organização do trabalho pode ser entendida como a própria divisão do trabalho, alocando as devidas responsabilidades e tarefas, no intuito do indivíduo adaptar-se àquele determinado prescrito. Ao longo da história do trabalho, depara-se com inúmeras organizações do trabalho, particularizadas pelas suas ações e objetivos pretendidos, em face do desgaste psicossocial do indivíduo imerso neste contexto.

Sendo assim, a organização do trabalho é o *locus* onde acontece a discrepância entre o prescrito e o real do trabalho. O prescrito é composto pelas normas, regras, regimentos, regulamentos, tempos e controles exigidos para a execução das atividades, são elementos que antecedem a tarefa em si (ANJOS, 2013). Neste aspecto podemos relacionar o trabalho de Val com as normas aplicadas aos empregados domésticos, a qual é de grande valia para estabelecer os direitos e deveres desta classe trabalhadora.

O real do trabalho, por sua vez, é onde surge a complexidade da tarefa. É no real que surge o ineditismo, os imprevistos, as contradições e as falhas, levando o trabalhador a vivenciar o seu fracasso diante do não saber fazer (ANJOS, 2013). O Sofrimento surge desta vivência diante do real do trabalho, que é inerente ao trabalhar, e pode ter três destinos: sofrimento patogênico, sofrimento ético e sofrimento criativo.

O sofrimento patogênico ocorre quando o sujeito não encontra possibilidade de negociação entre a organização do trabalho e os seus conteúdos subjetivos, estando impedido de exercitar sua capacidade criadora. Pode se manifestar pelo medo, insatisfação, insegurança, inquietação, angústia, depressão, tristeza, culpa, tensão, raiva e outros. Sendo uma vivência prolongada pode comprometer a saúde (MORAES, 2013a).

Já o sofrimento ético é a vivência experimentada pelo sujeito quando se submete ou participa de situações no trabalho das quais discorda intimamente, agindo de forma contrária a seus valores aos seus princípios. Manifesta-se por meio da insegurança, medo e angústia (VASCONCELOS, 2013).

Por fim, o sofrimento se torna criativo quando o sujeito consegue transformá-lo em prazer, por meio da inteligência sendo colocada em prática. É um caminho

para o destino da criação e da engenhosidade, conduzindo o sujeito a inventar soluções para os problemas que surgem no trabalhar. O sofrimento criativo atua como um mobilizador para as mudanças na organização do trabalho (MORAES, 2013a).

A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

Considerando a organização de trabalho a qual a personagem Val está inserida, nota-se que a realização de seu trabalho não se caracteriza apenas por uma única tarefa, mas por diversas, tornando-a uma espécie de "faz tudo", além de cuidar de Fabinho – filho dos patrões – desde criança. A rotina da casa muda com a chegada de Jéssica (Camila Márdila), filha da empregada que decidiu ir para São Paulo prestar vestibular para Arquitetura na FAU (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo), a mesma que Fabinho almeja estudar. O contexto de trabalho modifica-se com sua chegada, pois Jéssica é uma menina questionadora e não consegue se submeter às regras impostas na casa onde sua mãe mora e trabalha.

Nota-se que Val tem uma rotina exaustiva e atarefada. O tempo passa e ela não percebe ser "sugada" pelo cotidiano de trabalho que a impede de desligar-se do seu mundo, mesmo quando ela sai de folga e tenta se divertir e se distrair com

uma colega (também empregada doméstica) a qual é compreendida como uma das poucas relações sociais estabelecidas. Diante das circunstâncias de trabalho apresentadas e disponibilizadas, Val aceita o que é imposto e exigido que ela realize na casa sem reivindicar; além de não conseguir despertar para uma realidade de liberdade, apresentando-se aprisionada pela organização do trabalho como uma forma de agradecer “tudo” que os patrões “fazem por ela”.

Deste modo, uma questão a ser analisada está relacionada ao que Calgaro (2013) denomina de servidão voluntária. Isto pode ser observado no cotidiano de trabalho da empregada, uma vez que, existe uma relação de (inter)dependência entre Val (a empregada) e os demais membros da casa (a família). Uma relação marcada pela sobreposição entre camadas sociais diferentes e onde a obrigação de prestar serviços e obediência às normas da casa se tornam visíveis e indiscutíveis. Mesmo diante das regras e do trabalho exaustivo, Val se disponibiliza à realização do trabalho sem contestação e coibição, como se fosse uma “satisfação” atender às necessidades dos donos da casa. Assim, sente-se agradecida por morar no trabalho, e por deixarem sua filha Jéssica ficar por um tempo na casa até ela conseguir um lugar para morar com a filha.

Decorrem dez anos de sua vida e Val continua na mesmice de seu cotidiano. Por vezes, embora de forma análoga e contraditória, Bárbara e Carlos afirmam que

"você é praticamente da família"; porém, a excluem colocando-a no papel de empregada e fortalecendo o sentido de servidão voluntária que a domina. Servidão esta, compreendida como uma forma de aliviar o sofrimento decorrente da organização do trabalho. Para a Psicodinâmica do Trabalho, "o trabalhador recorre a diversas estratégias de defesa contra o sofrimento visando se livrar de pressões no ambiente de trabalho, perseguições, injustiças e outras formas de violência moral" (ANJOS, 2013, p. 392). Deste modo, considerando o trabalho realizado pela personagem Val, e a forma como é organizado, verifica-se o impacto da organização em outras variáveis, tais como o prazer e o sofrimento, o desempenho da empregada que oscila conforme suas motivações, assim como suas relações sociais que se tornam limitadas.

No que se refere às tarefas desempenhadas pela empregada, Anjos (2013) destaca a maneira padronizada de organização do trabalho como uma forma impositiva e determinante no ato de viver do sujeito. Isto acontece porque a organização do trabalho influencia e afeta de forma significativa a vida dos trabalhadores, uma vez que estes passam maior parte do tempo no mundo do trabalho. Esta forma padronizada pode, também, determinar atividades corriqueiras como o horário de acordar e de sair, a forma de se vestir, portar-se enquanto se relaciona com outras pessoas, e no pensar e sentir do trabalhador (ANJOS, 2013). Além disso, a padronização é compreendida e vivenciada como um procedimento rigoroso, e

por vezes intransigente, no qual o trabalhador é obrigado a seguir regras, e que se apropria do tempo, das ações dos trabalhadores e de sua subjetividade.

Todo o prescrito da organização do trabalho da Val é bastante rígido: normas, ordens, horários, locais de circulação, etc. Apesar do tempo em que está inserida naquele contexto – há mais de uma década – as relações trabalhistas perpassam totalmente às relações sociais dentro da casa. O diálogo estabelecido entre os patrões e Val é totalmente mecânico, na intensa pretensão de sempre delimitar os espaços destinados a cada um dentro daquele ambiente.

Apesar de Val se sentir da família – em diversos momentos do filme percebemos essa relação familiar expressada por Val a Bárbara, a Carlos e, principalmente, a Fabinho – ela obedece todos os ritos pré-estabelecidos em sua organização do trabalho. O que parece mais emblemático é o fato de não se sentar à mesa da cozinha, um espaço inteiramente dedicado a ela, mas que não pode usufruir como “membro da família”.

Alguns pontos merecem destaque nessa organização do trabalho: a) despertador da família: Val mora no emprego, em um quarto com condições pouco confortáveis, ela se torna o despertador de Fabinho e Carlos; b) invisível: na cena em que serve o jantar em comemoração ao aniversário de Bárbara todos se

servem dos petiscos que Val oferece, mas nenhum dos convidados, exceto os amigos do filho dos patrões, olham para o rosto daquela que os serve, mostrando o quanto esses indivíduos se tornam invisíveis aos olhos da sociedade; c) organização do trabalho gira em torno do garoto: Val estabelece um vínculo afetivo muito grande com Fabinho, ao longo dos anos que passou criando o garoto. Ao término do filme, quando ele vai morar na Austrália, ela decide romper com o laço que havia estabelecido na casa, indo ao encontro de sua filha, para viverem em São Paulo.

Essas questões nos levam a pensar de que forma é estabelecida essa organização do trabalho a qual Val está mergulhada. Percebemos um sujeito totalmente imerso na dinâmica do trabalho imposta pela família, que delimita bem os seus espaços e não dá oportunidades para que a mesma possa se libertar do limbo empregatício do qual faz parte.

No cotidiano de trabalho de Val também é possível perceber a forma como a empregada deixa de ser ela mesma a fim de atender as exigências e necessidades da casa. Percebe-se uma submissão mascarada, no entanto vivenciada sem contestação, por acreditar que ela, de fato, "fosse praticamente da família".

A empregada, devido ao tempo que mora na casa, tenta convencer a filha acerca das condições de trabalho que ela vivencia; tendo em troca do serviço prestado, a moradia e o carinho demandado por Fabinho. No entanto, tal designação e submissão não são compreendidas e consentidas por Jéssica, e nesta dinâmica a filha faz um movimento contrário ao da mãe, estimulando-a a “acordar para uma nova realidade”. Realidade esta que não subsiste unicamente naquele espaço vivido cotidianamente, mas acreditando numa felicidade e prazer encontrados e experimentados fora dos muros do seu mundo de trabalho.

A lei das domésticas e sua relação com a organização do trabalho de Val

Associando o longa à Legislação dos empregados domésticos (Lei Complementar nº 150, de 1º de junho de 2015), verifica-se que a Val se enquadra nesta categoria de trabalhadores, tendo em vista que exerce o trabalho de forma contínua, onerosa, subordinada e pessoal à uma família no âmbito residencial por mais de 02 (dois) dias da semana.

A Legislação estabelece o limite de oito horas diárias e o máximo de 44 horas semanais, no entanto o fato da Val morar no local de trabalho, certamente excedia esses limites, até porque fazia café da manhã, almoço e jantar, assim

exercendo seu labor nos três períodos do dia. O filme não retrata qualquer tipo de adicional de hora extraordinária, como manda a norma.

Ademais não ficou evidente que a empregada doméstica dispunha do repouso remunerado de um dia na semana e nem aos feriados, muito menos se os patrões assinaram a Carteira de Trabalho e Previdência Social - CTPS da mesma ou se faziam algum tipo de registro do horário trabalhado.

É importante ressaltar, que como a Val morava na casa dos patrões, onde exercia suas atividades laborais, seu horário de repouso para alimentação podia ser dividido em dois períodos do dia, em conformidade com o art. 13, § 1o, da Lei Complementar 150/2015.

Durante a década que Val trabalhou na casa dos patrões, ela não foi visitar a filha no Nordeste, sendo que é direito do trabalhador doméstico férias remuneradas de 30 dias a cada doze meses trabalhados. Não se sabe se ela tirava as férias de fato ou se tirava e não visitava a filha, até porque a legislação em pauta permite que o empregado doméstico possa converter o máximo de um terço das férias em abono pecuniário, correspondente ao proporcional do salário mensal ou ainda permite que o empregado que resida no local de trabalho possa permanecer ali durante as suas férias.

Em conformidade com o art. 18, não é permitido que o empregador doméstico faça qualquer tipo de desconto do seu empregado por fornecimento de alimentação, higiene, moradia e até vestuário. E ainda com ênfase no § 4º do mesmo artigo, o fato da Val residir no local de trabalho, não lhe dava direito de posse ou até mesmo de propriedade sobre o imóvel (Lei Complementar nº 150/2015).

Ao se enquadrar na condição de empregada doméstica, Val é segurada obrigatória da Previdência Social, por isso a obrigatoriedade dos patrões assinarem sua CTPS, e ainda além de ser regido por lei própria se aplica subsidiariamente, a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Além disso tem direito ao Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) e ainda cabe ao empregador doméstico o pagamento de um percentual de 3,2% (três inteiros e dois décimos por cento) sobre a remuneração devida, no mês anterior, para fins de indenização por perda do emprego sem justa causa ou por culpa do empregador (Art. 21 e 22 da LC 150/2015).

No entanto, no caso em análise, foi ela quem pediu demissão, portanto não faz jus a essa indenização, nem ao seguro desemprego e ainda não cumpriu o aviso prévio de 90 (noventa) dias exigidos pela lei, visto que contava com mais de 10 (dez) anos de serviço, conforme os cálculos do art. 23 da LC 150/2015.

Por fim, tal como se observa no filme, Fediuk (2005) também percebeu, em sua pesquisa sobre empregadas domésticas no sul do Brasil, que nem sempre as trabalhadoras percebem a condição que vivem como condição de exploração e usurpação de seus direitos.

DEFESAS & SOFRIMENTOS

O trabalho realizado por Val que acaba passando por várias situações a tem levado ao sofrimento. Sabe-se que este faz parte da vida humana, e no caso é decorrente do trabalho. Algumas situações de sofrimento são facilmente sinalizadas no filme por meio da alienação, frustração, angústia, impotência para promover mudança, desvalorização, dentre outros demonstrados pela empregada doméstica.

Observa-se que Val é totalmente absorvida pelo seu trabalho e age como uma serva voluntária, sem crítica, sem inteligência prática, sem ação para modificar a realidade até a chegada da sua filha Jéssica. Esta forma de viver também pode ser interpretada como uma estratégia de defesa individual. Um recurso que os sujeitos constroem para minimizar a percepção do sofrimento no trabalho, ou seja, é uma forma de recusa da percepção daquilo que faz o próprio sujeito sofrer (MORAES, 2013b). Destaca-se que são as estratégias de defesa que demarcam a

diferença entre a Psicopatologia do trabalho com a Psicodinâmica do trabalho já pontuada anteriormente.

O enredo que Val entrou é o mesmo de muitos trabalhadores, pois a organização explora justamente estas estratégias de defesa para conduzir o trabalhador à alienação. Inicialmente a defesa é de proteção, uma vez que a referida empregada foi acolhida por uma família na cidade grande, tem onde morar, salário e alimentação, funciona como uma forma de compensação, pois até um filho em idade semelhante à da sua filha está aos seus cuidados. Esta estratégia defensiva se fundamenta na racionalização, onde o modo de pensar, sentir e agir são compensatórios e utilizados para suportar o sofrimento. Depois surge a defesa de adaptação, onde Val nega o sofrimento e submete-se ao funcionamento da organização, assume o discurso da casa onde trabalha como se fosse seu e acha tudo normal. Por fim, surge a defesa de exploração, na qual a patroa se aproveita desta servidão em favor do bem-estar dos membros da família.

Observa-se que a convivência social de Val era com outras empregadas domésticas, e elas se utilizavam de estratégias de defesa coletivas, pois tinham um consenso da categoria para funcionarem como uma regra de conduta entre as empregadas. Ressalta-se que estas estratégias de defesa são importantes para o trabalhador, mas possuem um caráter reativo, uma vez que são estruturadas a

partir da necessidade de se defender de algo que as fazem sofrer (MORAES, 2013b).

No caso de Val ao longo do filme percebe-se uma migração do sofrimento patogênico para o sofrimento criativo. Inicialmente percebia-se culpa por viver longe da filha o que a levou inicialmente a presentear a filha nas suas visitas anuais ao nordeste, as quais foram ficando cada vez mais escassas e posteriormente cobradas pela filha. A vinda da filha Jéssica para São Paulo veio para transformar a vida de ambas, mas sobretudo a de Val, que passou a vivenciar um sofrimento criativo, foi ganhando coragem para a ação, mobilizando-se para ter a sua própria casa, usar seus utensílios domésticos como desejava e cuidar da filha e do neto que nem sabia que tinha.

Percebe-se nas atitudes de Val uma naturalização da atividade, um excesso de normalidade para aquela situação de viver para o trabalho, dentro do próprio trabalho e com limites bem definidos entre os donos da casa e os dela como empregada doméstica. Observa-se no filme que a filha Jéssica é que vem para tirar Val deste lugar confortável que se tornou um hábito e portanto, um passo para a servidão voluntária (LA BOÉTIE, 2006).

Sendo assim pode-se inferir que Val sofre e atenua este sofrimento por meio desta servidão voluntária, mascarando as injustiças que existem na casa onde trabalha, uma forma de defesa. De acordo com Calgaro (2013) o termo servidão voluntária foi cunhado por La Boétie no século XVI. Para o autor, o sujeito se torna servil de diversas maneiras, pode até perder o sentido de liberdade diante do costume adquirido pela servidão. Tal como se observou em Val, um adiamento da liberdade, da felicidade, do desejo de viver para além do trabalho.

MOBILIZAÇÃO SUBJETIVA

No desenrolar de sua trama, o filme em questão mostra ao telespectador o destino que a empregada Val dá a situação de sofrimento em que se encontra, através do processo de mobilização subjetiva. Mendes e Duarte (2013) descrevem que a mobilização subjetiva se dá pela busca da identidade, no qual o fato de apenas executar a tarefa, alienar-se, não satisfaz mais o sujeito. Para os autores a mobilização permite o resgate do sentido de trabalho.

No caso da personagem Val, o processo de mobilização só tem início quando entra em cena a sua filha Jéssica, que ao mudar para São Paulo, traz à discussão, o modo com que Val se encontra na casa de seus patrões.

Val guardava em seu quarto vários utilitários domésticos para quando um dia saísse da casa dos patrões, para sua própria casa, entretanto nunca tinha tido a coragem de procurar um lugar, até o momento em que Jéssica resolve vir morar com ela. Esse é o primeiro momento que o filme mostra o desejo de mudança expresso por Val. Aliado ao desejo pode-se salientar a pressão imposta pela patroa Bárbara em uma conversa tida com a empregada, no qual ela questiona se Val já estava vendo um lugar para mudar, e ela responde que "tá assuntando um cantinho aí para alugar".

Em um momento do filme a empregada doméstica tenta dar vida ao seu trabalho, inovar, ser criativa. Esse momento de mobilização acontece quando ela utiliza o conjunto de café que deu como presente de aniversário à sua patroa Bárbara, justamente na ocasião da comemoração da data. Entretanto, Bárbara logo trata de impedir a doméstica de servir os convidados, e pede que ela guarde o conjunto para ser usado na casa de praia, mostrando dessa forma, o descaso com o presente. Ao final do filme, Val ao sair do emprego, leva para si o conjunto de café, mostrando definitivamente sua transformação.

Algumas cenas do filme trazem os momentos em que o trabalho de Val na casa do casal Carlos e Bárbara é colocado em pauta nas conversas que ela tem com sua

filha Jéssica. A chegada desta propiciou uma busca da verdadeira identidade de Val.

Ferreira (2013), em conformidade aos autores que discutem a mobilidade subjetiva como estratégia de modificação do sofrimento, aborda que o espaço de discussão é essencial para dar voz à palavra que foi silenciada pelo sofrimento. Quando a palavra é negada, pela falta de espaço para o compartilhamento, a estratégia de silêncio e segredo é utilizada pelo trabalhador. Jéssica por mais que não compartilhe do mesmo trabalho que a mãe, encontra-se no ambiente que lhe gera sofrimento. As discussões entre as duas permitem que um olhar seja dado por Val com relação às regras impostas pela dona da casa, onde mora, ou criadas por ela como estratégias de defesa.

Um exemplo, em um diálogo entre as duas, Val é questionada pela filha onde ela aprendeu sobre o que pode ou não pode se fazer dentro da casa. Sendo que automaticamente responde que “essas coisas a gente nasce sabendo”. Em outro momento da conversa entre mãe e filha, esta fala indignada: “sinceramente Val, não sei como tu aguenta ser tratada como cidadã de segunda classe”, e logo após deixa a doméstica sozinha em cena. Esta por sua vez, como que em um desabafo de tudo que está acontecendo replica estar “cansada”. Val não parece estar fadigada apenas das implicâncias de Jéssica, mas de toda a situação em que sua

vida se encontra naquele ambiente de trabalho, que ora parece ser sua casa, mas no fundo não lhe fornece a menor condição de fazê-la sentir-se como se estivesse em casa.

Jéssica exerce, portanto, o papel de agente transgressor que viola o trabalho prescrito exercido por sua mãe: quando passa a dormir no quarto de hóspedes, quando fez uma refeição na mesa com o patrão, quando comeu do sorvete do filho dos patrões, ou quando sentou à mesa do café e fez uma refeição antes mesmo da dona da casa. Outro momento que evidencia a transgressão do prescrito acontece quando Jéssica é jogada na piscina da casa, momentos depois dela ter questionado a mãe "tu nunca nadou aqui não?". Val havia respondido: "e eu vou nadar na piscina dos outros?".

Posteriormente à saída de Jéssica da casa dos patrões e ao descobrir que a filha passara no vestibular, Val deliberadamente, em um ato de afirmar o valor de sua filha perante o filho dos patrões, e auto valorizar-se, entra na piscina. Em seguida, liga para Jéssica sorrindo do ocorrido em sinal de comemoração dupla: pela aprovação da filha no vestibular, mas também pela coragem dela, enquanto trabalhadora que infringe uma regra e a torna um ser humano e não um robô.

Talvez no processo de reconhecimento, consolidação de uma nova identidade, Val tenha percebido que não só o filho dos patrões fosse capaz de passar no vestibular, de ter chances melhores na vida, mas também o fato da sua filha ser capaz de conquistar a aprovação. Mendes e Duarte (2013) observam que na mobilização subjetiva, o reconhecimento é capaz de transformar o sofrimento em prazer, impulsionando o profissional.

Quando Jéssica, definitivamente, revolta-se com o tratamento de Bárbara (patroa) para com sua mãe, e resolve ir embora, gera uma ruptura maior no elo organização do trabalho e empregado, uma vez que o sofrimento existente naquela relação passa a maltratar a sua filha, a qual esteve uma década longe e não foi criada por sua mãe. E por esse motivo, Val tem que observar a preocupação dos patrões com Fabinho horas antes do vestibular, enquanto ela nem sabe por onde anda sua filha, se já comeu, se ao menos conseguiu fazer a prova.

Em seguida dois momentos são cruciais para o evento maior de mobilização subjetiva da empregada. Sendo que o primeiro acontece quando Val durante a limpeza do quarto de hóspedes encontra uma foto de uma criança dentro do livro que Jéssica estava lendo, e depois em outra cena de discussão e desabafo das duas, há a confirmação de que aquele menino tratava-se de seu neto, que tinha

ficado em Pernambuco, visto que Jéssica não tinha como trazê-lo para fazer o vestibular. Já o segundo e talvez definidor para a mudança na vida de Val, é visto quando Fabinho vai para fora do Brasil.

Os estudos que abordam a mobilização subjetiva esclarecem ser esta uma maneira de modificar a organização do trabalho e o modo de vida do profissional perante as suas atividades dentro da empresa e até fora dela. No caso do filme em questão, a mobilização da empregada doméstica, a fez rever seus conceitos e prioridades de vida, fazendo com que ela deixasse aquele ambiente opressor.

Ao final do filme, antes de deixar a casa, seu Carlos (o patrão) pede desculpas a Val, e quando ela pergunta "pelo quê?", ele responde: "você sabe!". Não houve a tentativa de refazer os laços entre empregador e empregado, nem sequer se falou do que se tratavam as desculpas.

Val não encontrou mais sentido naquele trabalho, ela agora queria cuidar de sua filha e de seu neto, ou seja, viver a sua vida, e não mais a dos patrões. Isso fica claro na conversa final com Bárbara, quando ela expõe "eu acho que eu tô precisando ficar com minha filha, cuidar da minha filha", e de forma ambígua essa frase finaliza a relação de trabalho da empregada doméstica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da análise e reflexões acerca do filme, compreende-se que o trabalho torna-se para o homem a condição de existência social e da elaboração e constituição de identidade. Neste contexto, vale ressaltar a condição libertadora, no que se refere ao trabalho, que se encontra depreciada, onde as leis da lógica econômica e o início de produtividade, flexibilidade e esgotamento imperam no mundo do trabalho, fazendo jus a sociedade capitalista contemporânea.

Considera-se que a partir da teoria crítica do trabalho, a Psicodinâmica do Trabalho, é possível descobrir questões que se apresentam confusas e inexplicáveis, além dos mecanismos que intensificam o trabalho e desenvolvem a produção utilizada pelas organizações, sendo possível entender o sujeito enquanto subjetividade em ação.

Para Dejours (1992), a partir do momento que o homem não pode modificar a tarefa de acordo com suas necessidades e desejos o sofrimento de natureza mental começa. E, neste ponto, percebemos a dinâmica de sofrimento vivenciada pela personagem principal do filme, onde a organização do trabalho apresenta-se como fonte de sofrimento não sendo possível distinguir e até mesmo perceber o

ambiente de trabalho no qual está inserida como um local de submissão e servidão.

Diante disso é necessário que um personagem que esteja fora do contexto de trabalho entre em cena, e realize um levantamento da real situação da organização de trabalho. A presença de alguém que não vivencia o processo de trabalho em si, ou esteja próximo a ele, como é o caso das demais empregadas domésticas, facilita a observação do processo de submissão, invisibilidade e servidão vivido pela empregada.

A construção de uma nova identidade vem, portanto, por meio da percepção real da organização do trabalho e do processo de trabalho possibilitada pela presença da filha da empregada doméstica. Vale mencionar que nesta nova identidade, a personagem percebe que aquele trabalho já não faz mais parte da sua vida, nenhuma estratégia de defesa poderá refazer a ligação entre empregador e empregado.

Por fim o que se vê no Filme "Que horas ela Volta?" é a trajetória de uma nordestina em busca de um sonho na cidade grande, que acaba sendo cooptada pelo hábito, vivenciando a servidão voluntária (LA BOÉTIE, 2006). A vinda de um

outro, a filha no caso, é o despertar desta servidão voluntária para o sofrimento criativo, rumo a uma vida com sentido dentro e fora do trabalho.

REFERÊNCIAS

ANJOS, F. B. Organização do trabalho. In: VIEIRA, F. O.; MENDES, A. M.; MERLO, A. R. C. (Org.). Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho. Curitiba: Juruá, 2013. p. 267-274.

BRASIL. Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943. Aprova a Consolidação das Leis do Trabalho. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del5452.htm>. Acesso em: 16 fev. 2016.

BRASIL. Lei Complementar nº 150, de 1º de junho de 2015. Dispõe sobre o contrato de trabalho doméstico. Altera legislações a respeito e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LCP/Lcp150.htm>. Acesso em: 16 fev. 2016.

CALGARO, J. C. C. Servidão voluntária. In: VIEIRA, F. O.; MENDES, A. M.; MERLO, A. R. C. (Org.). Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho. Curitiba: Juruá, 2013. p. 391-394



DEJOURS, C. A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho. 5. ed. São Paulo: Cortez/Oboré 1992. 168 p.

DEJOURS, C. *Addendum* da psicopatologia à Psicodinâmica do Trabalho. In: LANCMAN, S.; SZNELWAR L. (Org.). Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. 3. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz; Brasília: Paralelo 15, 2011. p. 57-123

FEDIUK, M. M. Empregadas domésticas gestantes: os sentidos da maternidade. 2005. 212 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

FERREIRA, A. S. A Psicodinâmica do trabalho de profissionais de odontologia do centro ambulatorial de um hospital universitário. 2013. 106 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

GHIZONI, L. D.; MENDES, A. M. Mobilização de um coletivo de catadores: pratica em clínica psicodinâmica da cooperação. Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 206-223, 2014.

LA BOÉTIE, É. Discurso sobre a servidão voluntária. EBooksBrasil, 1549-2006.

Disponível em:

<http://www.miniweb.com.br/biblioteca/Artigos/servidao_voluntaria.pdf>.

Acesso em: 08 abr. 2016.

LHUILIER, D. Filiações teóricas das clínicas do trabalho. In: BENDASSOLI, P. F.;
SOBOLL, L. A. (Org.). Clínicas do trabalho. São Paulo: Atlas, 2011. p. 22-58.

MENDES, A. M. Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisas. São Paulo:
Casa do Psicólogo, 2007. 368 p.

MENDES, A. M.; ARAUJO, L. K. R. Clínica psicodinâmica do trabalho: o sujeito em
ação. Curitiba: Juruá, 2012. 156 p.

MENDES, A. M.; DUARTE, F. S. Mobilização subjetiva. In: VIEIRA, F. O.; MENDES, A. M.;
MERLO, A. R. C. (Org.). Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho.
Curitiba: Juruá, 2013. p. 259-262.

MORAES, R. D. Sofrimento criativo e patogênico. In: VIEIRA, F. O.; MENDES, A. M.;
MERLO, A. R. C. (Org.). Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho.
Curitiba: Juruá, 2013a. p. 415-420.



MORAES, R. D. Estratégias defensivas. In: VIEIRA, F. O.; MENDES, A. M.; MERLO, A. R. C. (Org.). Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho. Curitiba: Juruá, 2013b. p. 153-158.

TEIXEIRA, J. C.; SARAIVA, L. A. S.; CARRIERI, A. P. Os lugares das empregadas domésticas. *Organizações & Sociedade*, Salvador, v. 22, n. 72, p. 161-178, jan./mar. 2015.

VASCONCELOS, A. C. L. Sofrimento ético. In: VIEIRA, F. O.; MENDES, A. M.; MERLO, A. R. C. (Org.). Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho. Curitiba: Juruá, 2013. p. 421-426.

Um olhar da psicodinâmica do trabalho sobre o filme “que horas ela volta?”

Resumo

O presente estudo tem como objetivo tecer uma resenha crítica sobre o filme brasileiro “Que horas ela volta?”, lançado em 2015 e que retrata o cotidiano da empregada doméstica Val (Regina Casé). Realizou-se o estudo à luz dos conceitos e categorias abordados pela Psicodinâmica do Trabalho. Apresenta-se num primeiro momento, a visualização da obra cinematográfica, discorrendo sobre as informações referentes aos três eixos analisados: Organização do Trabalho e legislação pertinente à empregada doméstica; Sofrimento & Defesas e Mobilização Subjetiva. Verificou-se que a Organização do Trabalho a qual Val está inserida é totalmente carregada de prescritos que a impedem de vivenciar momentos criativos; ela está totalmente imersa em um processo de alienação e desvalorização, necessitando do aporte da filha, que não vê há dez anos, para que desencadeasse o processo de mobilização subjetiva, com vistas a sair daquela condição de conformidade a qual estava submetida.

Palavras-chave

Empregadas domésticas; Organização do trabalho; Sofrimento; Mobilização subjetiva.

A look of Psychodynamics of work about the movie "the second mother"

Summary

This study aims to make a critical review of the Brazilian film "The Second Mother", released in 2015 and portraying the live-in housekeeper named Val (Regina Case). We conducted the study in the light of the concepts and categories addressed by the Psychodynamics of Work. Initially we present the film, discoursing on information regarding the three axes analyzed: Work Organization and relevant legislation pursuant to housemaids; Suffering & Defenses, and Subjective Mobilization. It was found that the Work Organization in which Val is inserted is full of precepts that prevent her from experiencing creative moments; she is fully immersed in a process of alienation and devaluation, requiring her daughter's support, a daughter she hasn't seen for ten years, which would trigger the process of subjective mobilization with a view to break free from the state of resignation to which she was subjected.

Key words

Housemaids; Work organization; Suffering; Subjective mobilization

Una mirada de la Psicodinámica del trabajo sobre la película “¿Que horas ela volta?”

Resumen

El presente estudio tiene como objetivo tejer una reseña crítica sobre la película brasileña “Que horas ela volta?”, lanzada en 2015 y que retrata el cotidiano de la empleada doméstica Val (Regina Casé). Se realizó el estudio a la luz de los conceptos y categorías abordados por la Psicodinámica del Trabajo. Se presenta en un primer momento, la visualización de la obra cinematográfica, discurrir las informaciones referentes a los tres ejes analizados: Organización del Trabajo y legislación pertinente a la empleada doméstica; Sufrimiento & Defensas y Movilización Subjetiva. Se verificó que la Organización del Trabajo la cual Val está inserida es totalmente cargada de prescritos que la impiden de vivenciar momentos creativos; ella está totalmente inmersa en un proceso de alienación y desvalorización, necesitando de la contribución de su hija, que no ve hace diez años, para que se desencadene el proceso de mobilização subjetiva, con vista a salir de aquella condición de conformidad la cual estaba sometida.

Palabras-clave

Empleadas domésticas; Organización del trabajo; Sufrimiento; Movilización subjetiva.

Autoria

Liliam Deisy Ghizoni

Doutora em Psicologia Social e do Trabalho pela Universidade de Brasília.

Professora Adjunta da Universidade Federal do Tocantins. E-mail:

ldghizoni@gmail.com.

Almerinda Maria Skeff Cunha

Especialista em Gestão de Pessoas pela Universidade Federal do Tocantins.

Professora do Centro Universitário Luterano de Palmas. E-mail:

almerindasc@gmail.com.

Diêgo Araujo Silva

Mestre em Gestão de Políticas Públicas pela Universidade Federal do Tocantins. E-

mail: diegosilva@uft.edu.br.

Nadja de Oliveira Figueiredo

Mestre em Gestão de Políticas Públicas pela Universidade Federal do Tocantins. E-

mail: nadjaof@hotmail.com.

Philippe Lira de Carvalho

Mestre em Gestão de Políticas Públicas pela Universidade Federal do Tocantins. E-mail: lirapm@bol.com.br.

Endereço para correspondência

Liliam Deisy Ghizoni. Universidade Federal do Tocantins, Curso de Administração. Quadra 109 Norte, Av. NS 15, Bala 2, Plano Diretor Norte, Palmas, TO, Brasil. CEP: 77001-923. Telefone: (+55 63) 32328090.

Como citar esta contribuição

GHIZONI, L. D.; CUNHA, A. M. S.; SILVA, D. A.; FIGUEIREDO, N. O.; CARVALHO, P. L. O olhar da psicodinâmica do trabalho sobre o filme "que horas ela volta?". Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, Belo Horizonte, v. 3, n. 7, p. 778-811, ago. 2016.

Contribuição Submetida em 27 mar. 2016. Aprovada em 18 abr. 2016. Publicada online em 6 set. 2016. Sistema de avaliação: Double Blind Review. Avaliação sob responsabilidade do Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais. Editor: Luiz Alex Silva Saraiva.

